

O cotidiano de crianças que frequentam duas escolas de educação infantil e a possível interferência na dimensão emocional do desenvolvimento

Children's everyday what attend one or two preschools and the possible interference on the emotional dimension of their development

Caroline da Costa Cardoso¹

Simone lara²

Marlise Grecco de Souza Silveira³

Resumo

Este estudo transversal teve como objetivo identificar se o contexto de crianças que frequentavam uma ou duas escolas de educação infantil poderia interferir na dimensão emocional do desenvolvimento infantil. Para tal, foi avaliado o nível de ansiedade das crianças (através da escala “o que penso e sinto”), bem como seu cotidiano familiar (através da investigação de rotinas por meio de uma entrevista com os pais) e escolar (através de aplicação de um questionário com os professores). Assim, ao conhecer as realidades investigadas e estabelecendo comparativo entre o grupo de crianças que frequentava uma e o que frequentava duas escolas, foi possível identificar que o cotidiano da criança que frequentava duas escolas de educação infantil interferiu na dimensão emocional de seu desenvolvimento. Portanto, seria necessário ampliar o olhar para tal situação, integrando as comunidades escolares, famílias e equipes de educadores para que proporcionem às crianças um cotidiano que considere sua infância, possibilitando equilíbrio emocional ao longo de seu desenvolvimento.

¹Especialista em educação em ciências pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Uruguaiana. E-mail: carolinecardosoo@hotmail.com

²Doutora em educação em ciências, mestre em fisiologia humana, docente do curso de fisioterapia da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Uruguaiana. E-mail: simonelara@unipampa.edu.br

³Doutoranda Em Educação Em Ciências: Química Da Vida E Saúde (UFSM). E-mail: marlisegreccos@gmail.com

Palavras-chave: Criança. Cotidiano. Família. Escola. Emocional.

Abstract

This cross-sectional study aimed to identify, whether the context of kids who attend one or two preschools can interfere with the emotional dimension of their development. For that, we evaluated the child anxiety level through the scale “what I think and feel”; as well as their familiar daily lives (through investigation of routines interviewing parents) and scholastic (through application of questionnaires with teachers). Therefore, knowing the investigated realities, and establishing a comparative between the child group that attend one, and the ones that attend two preschools. It was possible to identify the daily life of child that attended two preschools, interfered with the emotional dimension of their development. Therefore, it would be necessary to broaden the view to this situation, integrating the school community and families, and to work with school groups, in the order to provide children with a daily life that considers their childhood, allowing emotional balance along their development.

Keywords: Child. Daily. Family. School. Emotional.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo teve como ponto inicial a vivência de casos que faziam parte de realidade crescente em algumas Escolas de Educação Infantil do município de Uruguaiana-RS. Diz respeito a crianças que frequentam duas escolas, uma em cada turno e em instituições distintas, completam tempo de permanência integral. Esse contexto despertou o interesse em investigar mais profundamente como se constituía o cotidiano dessas crianças, junto a familiares e educadores e como as possíveis organizações poderiam interferir na dimensão emocional do desenvolvimento infantil.

Dessa forma, abordaram-se aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, à importância da família nesse contexto e ao papel das instituições de educação infantil na formação integral das

crianças.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A criança

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2010, a criança é caracterizada como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Através do estudo de Oliveira (2015), é possível defini-la como um ser permeado por suas emoções, intenso em sua forma de existir e viver, o que se justifica pela capacidade de estabelecer significações em seu processo de desvendar o mundo e a busca constante que empenha para que isso aconteça.

A criança que, segundo Tubelis e Fernandes (2010), nasce em simbiose, se relaciona com o mundo por inteiro, não seleciona sentidos no empenho de conhecê-lo, mas os explora em sua totalidade, mobilizando todas e cada pequena parte de seu corpo, o que a torna um sujeito espontâneo, em movimento constante. No entanto, considerar que as crianças possuam características emocionais, biologicamente essenciais, não significa dizer que todas elas possam ser caracterizadas por um único modo de ser e existir. As características que as tornam semelhantes, complementadas pela cultura na qual estão inseridas, atribuem a cada

uma delas um modo único de viver. Essas culturas, na maneira como influenciam a existência das crianças, revelam a forma como são compreendidas em diferentes contextos sociais, podendo potencializá-las, ou reprimi-las em suas essências.

O papel da família no desenvolvimento infantil

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007).

A criança, humanamente incapaz de gerir os próprios cuidados, desde seu nascimento, depende dos adultos como responsáveis por sua sobrevivência e crescimento. Dessa forma, considerando que cada família é caracterizada por uma determinada cultura, configurada a partir de crenças, costumes e valores, as crianças que dela fazem parte são influenciadas pelo cotidiano em que estão imersas. A pré-história da criança se inicia na história individual de cada um dos pais, quando o desejo de ter um filho reatualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam ter (ZORNIG, 2015, p. 50).

Sendo assim, são responsabilidades cotidianas da família, conforme o Núcleo Ciência pela Infância (NCPI) em 2014:

A promoção do desenvolvimento integral saudável, com nutrição e cuidados de saúde adequados, ambiente familiar afetivo, seguro e estimulante, relações estáveis e incentivadoras, além da oferta de educação de qualidade, fornecem o alicerce para que cada criança viva bem no presente e alcance seu potencial pleno no futuro (NCPI, 2014, p. 4).

Macedo(2010) esclarece sobre o que consiste um cotidiano que se considere ótimo para a criança. Oferecer o ótimo é mais do que alimentar, cuidar da higiene e da saúde, garantir as horas de sono que a criança precisa para descansar e se desenvolver. Oferecer o ótimo é também conversar com a criança, contar histórias, brincar, dar-lhe segurança emocional e física, importar-se com ela. É permitir que ela estabeleça contato com outras crianças, que tenha uma rotina de espaço e tempo regular e não excessiva. É oferecer referências de comportamento e atitude que ela possa tornar pouco a pouco suas.

Cenário da instituição de educação infantil

O artigo 21, inciso I da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394/96 define a Educação Infantil como “primeira etapa da educação básica”, e no artigo 29 aborda a finalidade da Educação Infantil: “O desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Além disso, a lei exige que as creches e pré-escola devam integrar-se aos sistemas de ensino, evidenciando, a partir desse momento, o caráter educativo a ser assumido pelas instituições destinadas à primeira infância.

No Brasil, o processo de escolarização das crianças pequenas, de quatro a seis anos, ao mesmo tempo em que anuncia a decidida inserção da criança na cultura, o reconhecimento de sua cidadania como um sujeito de direitos, pode vir a ser uma maneira de captura e de escolarização precoce no sentido da disciplinarização, normalização e normatização do corpo, das palavras e gestos, na produção de um determinado tipo de aprendiz (ABRAMOWICZ, 2003).

A fim de organizar o trabalho no período de tempo em que as crianças são atendidas, é hábito da maioria das escolas públicas de educação infantil planejar uma rotina diária. Dividida em menores espaços de tempo, os momentos dessa jornada são geralmente delimitados entre práticas de cuidado e estímulos à aprendizagem.

Um dos avanços mais significativos na educação infantil é a superação do caráter assistencialista, que correspondia apenas à dedicação de cuidados às crianças. Aos poucos, além de suprir os cuidados de que as famílias não poderiam dedicar, abriu-se para a escola a possibilidade de complementar seu papel oferecendo oportunidades de aprendizagem, além de cuidado, o que revelou nova compreensão sobre o potencial da criança.

Barbosa (2006) discute os dois lados dessa organização, a qual denominou como “rotinização” nas escolas de educação infantil. Defendendo essa ideia, ela afirma que as crianças, desde cedo, necessitam interagir com os objetos aos quais estão expostas e aprender hábitos socioculturais de suas atividades. A repetição dessas e de outras ações também dá estabilidade e sossego, ao saber que depois de determinada

tarefa ocorrerá outra. Ao tempo que destaca aspecto positivo da organização de rotinas, também alerta para o risco da alienação:

As rotinas podem tornar-se uma tecnologia de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos; quando se tornam apenas uma sucessão de eventos, de pequenas ações, prescritas de maneira precisa, levando a pessoa a agir e a repetir gestos e atos em uma sequência de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio (BARBOSA, 2006, p. 39).

Portanto, pode-se considerar que a escola deve prever equilíbrio na estruturação de seu cotidiano, respeitando a criança em suas características biológicas. Concordando com isso, as DCNEI (2010) inferem que as organizações de espaço e tempo da escola de educação infantil devem garantir a indivisibilidade das dimensões motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança.

A criança que vivencia o cotidiano adequado, tanto na família, que atende suas necessidades físicas e emocionais, quanto na escola, que complementa a ação da família como contexto cultural rico em possibilidades de interações e brincadeiras, encontra equilíbrio e segurança, necessários para que se desenvolva integralmente de forma saudável. Uma criança segura de si não esconde sua essência; é possível percebê-la espontânea, alegre, capaz de se expressar e de enfrentar situações de adversidade que se apresentem em seu dia a dia.

Considerando o exposto, o objetivo deste estudo foi identificar se o contexto de crianças que frequentam uma ou duas escolas de educação infantil interfere na dimensão emocional do desenvolvimento infantil,

através de manifestações de ansiedade.

3. METODOLOGIA

Tratou-se de estudo transversal, descritivo e quali-quantitativo, realizado no período de março a dezembro de 2015, envolvendo duas escolas públicas infantis no município de Uruguaiana/RS, selecionadas através de sorteio. O estudo envolveu famílias e professoras de vinte crianças, com faixa etária de quatro a seis anos, que freqüentavam uma e duas escolas de educação infantil. Como forma de investigar se o fato de frequentar duas escolas interferia no desenvolvimento emocional das crianças, estabeleceu-se comparação entre os dois grupos. A fim de conhecer esse universo, os instrumentos de coleta de dados utilizados no estudo incluíram:

- Entrevista com as crianças: Utilizada para identificar aspectos relativos à ansiedade, através da aplicação da escala “o que penso e sinto” (GORAYEB; GORAYEB, 2008). A escala avaliou o nível de ansiedade das crianças, dividida em 8 itens relacionados à ansiedade, na qual respondia-se com ‘sim’ ou ‘não’, e os escores foram computados de acordo com o número de respostas positivas, compreendendo 28 questões, sendo que 0 representava menor nível de ansiedade e 28 o maior nível de ansiedade (anexo 1 - Entrevista com as crianças);
- Entrevista com a família: Incluiu questões sobre o perfil das famílias participantes (composição, atividades profissionais e jornadas diárias), atividades do cotidiano das crianças (rotinas,

comportamentos junto à família), em anexo 2 (Entrevista com a família);

- Questionário aplicado às professoras: Foi composto de questões sobre perfil profissional, momentos do cotidiano escolar e comportamento das crianças, tais como envolvimento nas atividades, como se relacionavam com outras crianças e adultos, se apresentavam dificuldades nas atividades propostas (anexo 3 - Questionário para os professores das crianças investigadas).

A análise dos dados quantitativos foi apresentada através de dados descritivos, com média e desvio padrão e análise de frequências, através do programa estatístico SPSS. A análise qualitativa foi realizada através das percepções dos professores incluídos no estudo.

4. RESULTADOS

Os resultados do estudo foram subdivididos em três pontos, sendo: características da criança, com relação à manifestações de ansiedade, cotidiano familiar e cotidiano escolar das crianças envolvidas na pesquisa.

Avaliação do nível de ansiedade das crianças

Na avaliação da ansiedade, por meio da escala “o que penso e sinto”, as crianças que frequentavam duas escolas obtiveram média de respostas positivas de $9,1 \pm 6,27$, enquanto as que frequentavam uma escola apresentaram de $4,9 \pm 3,14$. Os resultados evidenciaram que, com exceção dos itens relacionados a “sintomas orgânicos” e “sensibilidade”, as crianças

que frequentavam duas escolas apresentaram menor percentual de pontuação zero na escala, quando comparadas às que frequentavam uma escola (tabela 1).

Tabela 1 - Pontuação por item da escala de ansiedade das crianças que frequentavam uma e que frequentavam duas escolas

| Itens | Pontuação | Frequência (%) 1 escola | Frequência (%) 2 escolas |
|---|-----------|----------------------------|-----------------------------|
| 1. Insegurança ou ansiedade antecipatória | 0 | 5 crianças (50%) | 3 crianças (30%) |
| | 1 | 5 crianças (50%) | 5 crianças (50%) |
| | 2 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 0 criança (0%) |
| | 4 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| 2. Preocupação | 0 | 5 crianças (50%) | 3 crianças (30%) |
| | 1 | 3 crianças (30%) | 3 crianças (30%) |
| | 2 | 0 criança (0%) | 2 crianças (20%) |
| | 3 | 1 criança (10%) | 1 criança (10%) |
| | 4 | 1 criança (10%) | 1 criança (10%) |
| 3. Problemas relacionados com o sono | 0 | 8 crianças (80%) | 5 crianças (50%) |
| | 1 | 1 criança (10%) | 2 crianças (20%) |
| | 2 | 1 criança (10%) | 2 crianças (20%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| 4. Sintomas orgânicos | 0 | 3 crianças (30%) | 3 crianças (30%) |
| | 1 | 5 crianças (50%) | 4 crianças (40%) |
| | 2 | 2 crianças (20%) | 2 crianças (20%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| 5. Sensibilidade | 0 | 7 crianças (70%) | 7 crianças (70%) |
| | 1 | 3 crianças (30%) | 2 crianças (20%) |
| | 2 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 0 criança (0%) |
| 6. Ansiedade Generalizada | 0 | 6 crianças (60%) | 5 crianças (50%) |
| | 1 | 3 crianças (30%) | 3 crianças (30%) |
| | 2 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| 7. Concentração | 0 | 6 crianças (60%) | 2 crianças (20%) |
| | 1 | 4 crianças (40%) | 6 crianças (60%) |
| | 2 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| | 3 | 0 criança (0%) | 1 criança (10%) |
| 8. Medo ou sentimento de inferioridade | 0 | 3 crianças (30%) | 2 crianças (20%) |
| | 1 | 4 crianças (40%) | 1 criança (10%) |
| | 2 | 2 crianças (20%) | 1 criança (10%) |
| | 3 | 1 criança (10%) | 4 crianças (40%) |
| | 4 | 0 criança (0%) | 2 crianças (20%) |

Fonte: Os autores, 2016.

Continuação

Portanto, esses dados revelaram maior grau de ansiedade nas crianças que frequentavam duas escolas, quando comparadas às que frequentavam apenas uma escola, sugerindo possível interferência desse fator sobre as questões emocionais. Sob esse olhar, a ansiedade caracteriza-se como um estado emocional angustiante, acompanhado de alterações somáticas (cardíacas, respiratórias) em que se preveem situações desagradáveis (AURÉLIO, 2013, p.48).

Ramos (2015) afirma que a ansiedade infantil é resultado do ambiente em que a criança vive e manifesta-se, cada vez mais, de forma precoce. Nas crianças, segundo Lipp, Arantes, Buriti e Witzig (2002), isso ocorre devido ao cumprimento de regras ainda não totalmente compreendidas e também pelas adaptações que são levadas a fazer, e não estão de acordo com a capacidade da sua faixa etária, durante seu desenvolvimento.

O NCPI (2014) considera que o “estado de prontidão” causado pela ansiedade, quando a criança vivencia situações novas, que a deixam insegura, com medo ou frustrada, é necessário para o seu desenvolvimento saudável. Se a criança é capaz de se ajustar, contando com o apoio seguro e afetivo dos adultos, seus parâmetros fisiológicos retornam à normalidade, sem maiores consequências. No entanto, o estado de ansiedade prolongado, repetitivo, pode afetar o organismo, causando dano denominado “estresse tóxico”. Dessa forma, conforme o NPCI:

O efeito do estresse nocivo no cérebro em desenvolvimento pode alterar a formação de circuitos neuronais, comprometer o

desenvolvimento de estruturas como o hipocampo (região cerebral essencial para a aprendizagem e memória) e retardar o desenvolvimento neuropsicomotor. O estresse tóxico afeta também outros órgãos e sistemas, como o coração e o sistema imunológico, podendo aumentar o risco de doenças agudas como infecções e problemas de saúde na vida adulta - incluindo doenças cardiovasculares, diabetes, síndrome metabólica, transtorno de ansiedade e depressão, entre outras afecções (NCPI, 2014, p. 6).

Nesse contexto, Macana e Comin (2015) afirmam que a má regulação das emoções pode afetar outras dimensões do desenvolvimento, revelando problemas internalizantes como depressão, ansiedade e medo e, externalizantes, como agressividade e hiperatividade. No entanto, quando são reguladas desde cedo, as emoções tornam-se mediadoras de resultados de longo prazo, podendo-se considerar os mesmos colocados pelo NCPI.

O cotidiano familiar das crianças

A tabela 2 evidenciou o perfil das 20 famílias das crianças avaliadas no presente estudo. Foi possível observar que a maioria dos núcleos era constituído por um filho (50%) e a idade dos responsáveis compreendeu a faixa-etária entre 20 e 30 anos (45%). Grande parte das famílias apresentava ocupações cotidianas semelhantes, devido à localização das escolas em que a pesquisa foi realizada, ambas próximas ao centro da cidade. Em geral, desenvolviam suas atividades profissionais nessas proximidades, no comércio, órgãos públicos ou autonomamente. As famílias das crianças que frequentavam duas escolas de educação infantil apresentavam renda mais baixa em relação às famílias das crianças que frequentavam apenas uma escola. Ao analisar esse resultado, percebeu-se que as famílias das crianças que frequentavam duas escolas de educação

infantil não abriam mão do cuidado dos filhos por escolha de aumentar o ganho e, conseqüentemente o consumo, mas principalmente pela necessidade de mantê-lo.

No que diz respeito à carga-horária de trabalho, os adultos responsáveis pelas crianças que frequentavam duas escolas tinham jornada completa de 40h semanais ou mais. Nas famílias das outras crianças, havia casos em que um dos adultos possuía carga-horária reduzida, ou então, desenvolvia atividades do lar, tornando possível o cuidado das crianças no turno inverso ao da escola.

Tabela 2 - Características gerais das famílias das crianças investigadas no estudo

| Variável analisada | | Crianças frequentadoras de uma escola | Crianças frequentadoras de duas escolas |
|------------------------|---------------------|---------------------------------------|---|
| Composição da família | 1 filho | 40% | 60 % |
| | 2 filhos | 30% | 40% |
| | Mais de dois filhos | 30% | |
| Idade dos responsáveis | 20 a 30 anos | 40% | 30 % |
| | 30 a 40 anos | 50% | 45% |
| | 40 a 50 anos | 10% | 25% |
| | 0 a 1 sal. | 30% | 0% |

| | | | |
|-----------------------|-------------|-----|-----|
| Renda familiar | 1 a 2 sal. | 10% | 80% |
| | 2 a 3 sal. | 20% | 0% |
| | 3 a 4 sal. | 30% | 10% |
| | + de 4 sal. | 10% | 10% |
| Ocupação profissional | Func. Púb. | 45% | 20% |
| | Comerciante | 15% | 25% |
| | Autônomo | 20% | 55% |
| | Do lar | 20% | 0% |

Fonte: Os autores, 2016.

Continuação

O quadro 1 apresenta o cotidiano das crianças que frequentavam uma e duas escolas infantis. Através dele percebeu-se que as crianças que frequentavam duas escolas possuíam seus cotidianos ajustados de acordo com a jornada dos adultos que por elas eram responsáveis. Os momentos de lazer aconteciam em curto espaço de tempo, apenas no final do dia, e o tempo de convívio com a família era reduzido, acontecendo especialmente aos finais de semana. As crianças que frequentavam apenas uma escola possuíam cotidiano mais flexível, pois, além de frequentá-la, conviviam com a família no outro turno e tinham mais momentos para lazer.

Quadro 1 - Cotidiano familiar das crianças que frequentavam uma e duas escolas infantis

| Rotina das crianças que frequentavam uma escola de | Rotina das crianças que frequentavam duas escolas de educação infantil |
|---|---|
|---|---|

| educação Infantil | |
|---|--|
| <p>-Frequentam a escola em um turno e, no inverso ao da escola, permanecem com familiares (avós, irmãos, pai ou mãe).</p> <p>-Suas atividades de lazer acontecem no turno inverso ao da escola: assistir a televisão, brincar, dormir, passear na casa de parentes.</p> <p>-A família encontra-se nos momentos de refeição e à noite, quando geralmente, se reúne para dialogar. As crianças acompanham os horários dos adultos para jantar e dormir.</p> | <p>-Frequentam a escola em dois turnos e, caso a família necessite, permanecem em horário estendido, no turno da tarde (plantão), de acordo com a carga horária de trabalho dos pais.</p> <p>-Suas atividades de lazer acontecem, geralmente, apenas no final do dia: assistir televisão ou brincar.</p> <p>-A família não se reúne em momentos de refeição ou se encontra rapidamente, durante o dia. O encontro acontece à noite, quando algumas crianças dormem logo que chegam a casa.</p> |

Fonte: Os autores, 2016.

Continuação

Considerando tais resultados, o maior nível de ansiedade, presente nas crianças que frequentavam duas escolas, pôde estar associado às adaptações que faziam perante as rotinas estabelecidas por suas famílias. Considerou-se a forma como essas famílias organizavam o cotidiano como confusa para as crianças, pois acompanhavam uma organização de tempo, para elas, incompreensível. Somada a isso, a consequente falta dos adultos responsáveis não garantia o afeto necessário para que se sentissem seguras, produzissem defesas necessárias, e enfrentassem adversidades em seu cotidiano (NCPI, 2014).

Dentro de suas possibilidades, as crianças que frequentavam uma escola tinham acesso a outro contexto cultural além da família, possuíam horários flexíveis para momentos de lazer e contavam com a presença de familiares na maior parte do dia. A Convenção sobre os Direitos da Criança

(1990) reconhece o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística. Diferentemente, as crianças que frequentavam duas escolas, além de permanecerem por tempo excessivo em espaço institucional, possuíam restritos espaços de tempo para o lazer e conviviam por um menor período de tempo com suas famílias.

De fato, Szymanski (2015) infere que

Além de ocupar um lugar de instituição social, com funções a ela atribuídas por lei e pelos costumes, a família representa um lugar de acolhimento afetivo, onde se pode dar e receber amor, algo que é uma necessidade afetiva básica e essencial para os seres humanos, em especial para as crianças (SZYMANSKI, 2015, p.97).

Corroborando com essas ideias, é a família, compreendida enquanto dinâmica de relações existentes entre a criança e o adulto, que acompanha a trajetória da vida da criança (GOMES, 1994). Segundo a autora, “sociologicamente”, a família é vista como um agente primário de socialização, ou a primeira unidade social de um ser humano, e “psicologicamente”, ao prover condições adequadas de cuidados para com as crianças, aparece como condição fundamental para um desenvolvimento psicológico saudável.

Perfil profissional das professoras e cotidiano escolar das crianças investigadas

O quadro 2 demonstra o perfil das 12 professoras que participaram do estudo. Através dele, foi possível verificar que grande parte das

professoras apresentava formação superior (83%), com tempo de formação de até 5 anos (41,6%) e com jornada de trabalho de 40 horas semanais (91,6%). Quando questionadas em relação à atuação na educação infantil, a maioria das docentes declarou tempo de atuação, nesse nível de ensino, de até 5 anos (41,6%), atendendo, no período da pesquisa, duas turmas de crianças (66,7%) de 20 a 25 alunos (58,3%).

Quadro 2 - Perfil profissional das professoras participantes do estudo

| Variável analisada | Frequência (percentual) | |
|---------------------------------------|-------------------------|-------|
| Formação inicial | Especialização | 8,5% |
| | Superior | 83% |
| | Nível Médio | 8,5% |
| Tempo de formação | até 5 anos | 41,6% |
| | 5 a 10 anos | 25% |
| | Mais de 10 anos | 33,3% |
| Carga horária de trabalho | 40h/semanais | 91,6% |
| | 20h/semanais | 8,4% |
| Tempo de atuação na Educação Infantil | Até 5 anos | 41,6% |
| | 5 a 10 anos | 25% |
| | Mais de 10 anos | 33,3% |
| Número de turmas que atende | Uma turma | 33,3% |
| | Duas turmas | 66,7% |
| Número de crianças nas turmas | 15 a 20 crianças | 41,6% |
| | 20 a 25 crianças | 58,3% |

Fonte: Os autores, 2016.

Continuação

Conforme questionário aplicado às professoras das crianças investigadas, verificou-se que essas profissionais possuíam determinadas formas de estruturar o cotidiano escolar das turmas que atendiam e, embora com algumas diferenças, essas organizações configuravam-se como semelhantes. As professoras relataram que o trabalho cotidiano com as crianças era subdividido em diversos momentos, podendo ser nomeados como: rodinha, modelagem, recreação, registro das atividades, aula de música, higiene, alimentação, etc. Segundo relato das professoras, esses momentos estavam dentro de estrutura de espaço e tempo que se repetia durante os dias da semana.

Sob esse aspecto, Barbosa (2006) considera que as rotinas na educação infantil possuem quatro elementos constitutivos: organização do ambiente, uso do tempo, seleção e propostas das atividades e seleção e oferta de materiais, os quais assumem uma função padronizadora. Ainda, afirma que essas organizações têm como ponto de referência políticas de homogeneização, implementadas na educação infantil e, dessa forma, muitas vezes a criança e sua singularidade não são levadas em consideração.

Segundo Terra (2010), a teoria do desenvolvimento humano de Jean Piaget, afirma que o indivíduo passa por quatro fases ao longo de seu crescimento, que sofrem variações de acordo com características biológicas e ambientais. As crianças investigadas no estudo, segundo essa teoria, encontram-se na 2ª fase do desenvolvimento: Pré-operatório (2 a 7 anos). É imprescindível refletir, diante dessa consideração, se a realidade em que

essas crianças estão inseridas, devido à hiperestimulação, permite que vivenciem essa fase alcançando pleno desenvolvimento, sem prejuízo ao aspecto principal, que se refere à emergência da linguagem e influência sobre aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Na realidade investigada, buscando compreender minimamente essa estruturação, foi imprescindível considerar os dados profissionais das professoras, como a carga horária de trabalho que a maioria desempenhava(40h/semanais) e o elevado número de crianças que atendiam(25 crianças). Frente a esses dois aspectos, foi possível visualizar a necessidade de organização cotidiana por parte das professoras. Considerando estudos do NCPI (2014) e Shonkoff (2011), o alto número criança-professor, que impossibilita maior atenção individual à criança, representa um dos agravantes no desenvolvimento de níveis de ansiedade pelo professor, comprometendo a aprendizagem das crianças e impedindo o gerenciamento dos estresses da vida normal a que os envolvidos estão sujeitos.

Frente ao questionamento sobre prováveis diferenças comportamentais entre crianças que frequentavam uma ou duas escolas de educação infantil, grande parte das professoras respondeu que isso é perceptível (83,3%). Foi possível identificar em alguns relatos que os docentes consideraram o fato de as crianças estudarem em duas escolas infantis um aspecto que requer atenção no que diz respeito ao desenvolvimento infantil:

“Algumas crianças que frequentam duas escolas apresentam diferença de comportamento em relação às crianças que frequentam uma escola, como

dificuldade de concentrar-se, interagir com outras crianças, são ansiosas”.

“Na maioria das vezes, a criança que frequenta duas escolas representa estar cansada da rotina”.

Porém, apesar de reconhecerem alterações comportamentais nas crianças que frequentavam duas escolas, algumas professoras apontaram questões positivas sobre sua aprendizagem:

“Crianças que estudam em duas escolas são mais criativas, mais curiosas”.

“De comportamento, as crianças apresentam diferenças, pois são mais agitadas, porém nota-se que o rendimento das aprendizagens se dá com facilidade, pois estão envolvidas num processo de estímulo, descobertas e curiosidade, nestas duas realidades”.

“As crianças que estudam em duas escolas são mais inquietas, apresentam certo estresse, em compensação, tem uma bagagem de conhecimentos e experiências maior”.

Ademais, um docente relatou que a criança que frequentava duas escolas pode desenvolver aspectos positivos em sua aprendizagem, como também ter influências negativas em sua saúde, devido à hiperestimulação e ao cansaço pelo excesso de atividades e rotinas:

“É possível observar que crianças que estudam em duas escolas são ou superestimuladas ou crianças que demonstram desgaste, cansaço físico ou mental. Durante minha caminhada como educadora, já tive em minha turma algumas crianças que frequentavam duas escolas devido à falta de tempo dos familiares para atendê-las. Por várias vezes ouvi: não queria vir para a escola hoje, estou cansada, com sono. Ou então: de tarde tem mais aula, eu não queria ir. Concomitantemente, também é possível perceber que as crianças que são

submetidas a estímulos variados enriquecem suas aprendizagens e dominam uma gama maior de conhecimentos, relatam experiências mais significativas e aprimoram suas produções”.

Verificou-se, através do relato das educadoras, que grande parte delas percebeu diferenças cognitivas e comportamentais entre as crianças que frequentavam uma e duas escolas. Os relatos apresentaram divergência quanto aos aspectos positivos e negativos da criança que frequentava duas escolas de educação infantil. Ao tempo em que revelavam destaque no aspecto cognitivo, ressaltavam o fato de se apresentarem mais agitadas ou cansadas, supostamente pelas rotinas estabelecidas nas instituições de ensino. De fato, os programas de cuidado não podem efetivamente compensar os efeitos da família na dimensão socioemocional da criança, como possivelmente ocorre na dimensão cognitiva (MACANA; COMIM, 2015, p.41).

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996). Embora saibamos que há um ideal para a educação de crianças pequenas, atrelado às suas características existenciais, a realidade das escolas nem sempre converge para que isso se concretize. Portanto, a criança, num contexto escolar que, por força maior, desconsidera suas características existenciais, está sujeita a desenvolvimento de ansiedade, principalmente se isso ocorrer duplamente em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, as crianças frequentadoras de duas escolas apresentaram nível de ansiedade superior ao das crianças que frequentavam uma escola de educação infantil. Além disso, nas primeiras, notou-se que não existia equilíbrio entre os tempos que constituíam seu dia a dia, uma vez que a escola ocupava maior parte, e a família, significativa menor porção do tempo. De um lado, a obrigação de acompanhar o tempo dos adultos e, de outro, a repetição de jornadas institucionais que tendiam a homogeneizar grupos de crianças. Com relação à percepção das professoras sobre as crianças que frequentavam uma e duas escolas, grande parte inferiu que esse fator afetava o aspecto emocional e comportamental das crianças.

De acordo com os resultados obtidos, concluiu-se que o cotidiano da criança que frequenta duas escolas de educação infantil interferiu na dimensão emocional de seu desenvolvimento, através de manifestações de ansiedade. Portanto, seria necessário ampliar o olhar para tal situação, integrando a comunidade escolar e as famílias, bem como trabalhar junto às equipes escolares para que proporcionem às crianças um cotidiano que considere sua infância, possibilitando equilíbrio emocional ao longo de seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. O direito das crianças à educação infantil. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3, p. 13-24, 2003.
- BARBOSA, M.C.S.B. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 240p.

BRASIL. Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. *Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança.*

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.* Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação nacional.*

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. *O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem: Estudo 1.*

Disponível em: <<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/acervo-digital/Paginas/o-impacto-no-desenvolvimento-da-primeira-infancia-sobre-a-aprendizagem.aspx>> Acesso em: 10 Set. 2016.

DESSEN, M.A; POLONIA, A da C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

FERREIRA, A.B.H. *Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa.* 8. ed. Curitiba, PR: Positivo, 2010.

COMES, H, S. Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, v. 4, n. 1, p. 34-39, 1994.

GORAYEB, M.A.M. e GORAYEB R. “O que penso e sinto” – Adaptação da Revised Children’s Manifest Anxiety Scale (RCMAS) para o português. *Revista Temas em Psicologia*, v.16, n.1, p.35-45, 2008.

LIPP, M.E.N., ARANTES, P.J., BURITI, M.S., WITZIG, T. O estresse em escolares. *Revista Psicologia escolar e educacional*, v. 6, n.1, 2002.

MACANA, E.C., COMIN, F. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. *Parentalidade em foco*, São Paulo, 2015. p.34-47.

MACEDO, L. *Meu futuro: o futuro das crianças de quatro a seis anos – o que elas e os adultos pensam sobre isso?* Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Nota 10 Primeira Infância: v2. Dos quatro aos seis anos de idade. São Paulo, 2015. p. 104-137.

OLIVEIRA, Z.M.R. *Não sou mais bebê.* Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Nota 10 Primeira Infância: v.2. dos quatro aos seis anos de idade. São Paulo, 2015. p.10-31.

PLUCIENNIK, G., CHICARO, M.C. *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco.* São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2015. 130p.

RAMOS, E.G. Estresse infantil: impactos sobre o desempenho e saúde escolar. *Revista Psicologia em Foco*, v. 5, n. 1 jan./jun.,2015. Disponível em: <<http://periodicos.piodecimo.edu.br/online/index.php/psicologioemfoco/articloe/view/148/187>>. Acesso em: 05 set. 2016.

SHONKOFF, J. P. Proteger os cérebros, não apenas estimular mentes. *Revista American Academy of Arts & Science*, São Paulo, v. 333/ago.,2011. Disponível

em: <<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/acervo-digital/Paginas/Proteger-os-C%C3%A9rebros,N%C3%A3o-Apenas-Estimular-as-Mentes-Jack-P.aspx>>
Acesso em: 10 set. 2016

SZYMANSKI, H. *Família e escola na Educação Infantil: caminhos para diálogo em prol do desenvolvimento na primeira infância*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Parentalidade em foco. São Paulo, 2015. p.96-107.

TUBELIS, P. e FERNANDES, P. *O que a criança não pode ficar sem, por ela mesma: Participação Infantil no Plano Nacional pela Primeira Infância*. São Paulo: Rede Nacional Primeira Infância, 2010. 64p.

ZORNIG, S.M.A. Parentalidade: uma via de mão dupla. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. *Parentalidade em foco*. São Paulo, 2015. p.48-57.

ANEXO 1 - Entrevista com as crianças

Questões:

1. Muitas pessoas estão contra mim
2. Sinto que os outros não gostam do jeito que faço as coisas
3. Parece que os outros fazem as coisas com mais facilidade que eu
4. Sinto que alguém vai dizer que faço as coisas de maneira errada
5. As outras crianças são mais felizes do que eu
6. Estou bastante cansado
7. É difícil para mim prestar atenção no trabalho da escola
8. Eu me movimento bastante quando estou sentado
9. Fico bravo por qualquer coisa
10. Eu me sinto sozinho mesmo quando há pessoas comigo
11. Eu sinto que alguma coisa ruim vai acontecer pra mim
12. Eu me preocupo com o que vai acontecer
13. Eu me preocupo com o que os outros pensam de mim
14. Fico triste quando estou com problemas
15. Fico preocupado com o que meus pais vão dizer pra mim
16. Fico preocupado a maior parte do tempo
17. Fico nervoso quando as coisas não acontecem como quero
18. Sou nervoso
19. Tenho medo de muitas coisas
20. Fico triste com qualquer coisa
21. Eu acho difícil tomar decisões
22. Tenho sonhos ruins
23. Eu me preocupo quando vou para cama à noite
24. Algumas vezes acordo assustado
25. É difícil para mim ir para a cama à noite

26. Muitas vezes sinto problemas no meu estômago
27. Muitas vezes eu tenho falta de ar
28. Minhas mãos ficam suadas

ANEXO 2 –Entrevista com a família

Dados pessoais

- Como é composta a família:

- Com quem a criança mora:

- Idade dos responsáveis:

- Profissão dos responsáveis/horários de trabalho:

- A renda da família é:

- ✓ (0 à 01 - salário mínimo) ()
- ✓ (01 à 02 salário mínimo) ()
- ✓ (02 à 03 salário mínimo) ()
- ✓ (03 à 04 salário mínimo) ()
- ✓ (superior à 04 salários mínimos) ()

- Rotina da família:

- Rotina da criança:

Entrevista sobre a criança

1. Qual a idade da criança? _____
2. Há quanto tempo a criança frequenta escola infantil? _____
3. Há quanto tempo a criança frequenta duas escolas? _____
4. Porque a criança frequenta duas escolas? _____

5. Qual o comportamento mais comum apresentado pela criança quando está junto à família? _____

6. Qual o comportamento mais comum da criança quando sai de casa para ir à escola? _____

7. Qual o comportamento mais comum da criança quando retorna da escola? _____

- _____
- _____
8. Quais são as principais atividades que a criança faz quando está em casa?
- _____
- _____
9. A criança apresenta alteração de comportamento em alguma atividade cotidiana (exemplo: alimentação, sono, atividade proposta em casa)?_
- _____
- _____
10. A família têm momentos de lazer? () sim () não. Se sim, que dias/horários? E
- Que atividades de lazer a família realiza?_____
- _____

ANEXO 3 - Questionário para os professores das crianças investigadas

Dados pessoais:

- Formação inicial do professor, grau, curso e modalidade do curso:

- Tempo de formação do docente (em Anos):_____
- Carga horária de trabalho:_____
- Tempo de trabalho (em anos) na educação infantil:_____
- Número de turmas que atende:_____
- Número de crianças em cada turma:_____

- Rotina /atividades diárias da turma: _____
- Com base em quais questões seu planejamento é organizado?

Entrevista - Em relação à criança:

1. Com base em sua experiência docente, existe diferença comportamental de crianças que estudam em uma escola, comparadas às que estudam em duas escolas? Quais?

2. Qual comportamento a criança manifesta ao chegar à escola?

3. Qual comportamento a criança manifesta na saída da escola?

4. Qual comportamento a criança manifesta durante as atividades propostas?

5. De que maneira a criança interage com a professora, crianças da turma e demais educadores da escola?

6. A criança apresenta alguma dificuldade durante o tempo que passa na escola? () sim () não. Se sim, quais?
